

## **Revisitação Fotográfica em Góes Artigas no Paraná: a fotografia como lembrança de duas épocas<sup>1</sup>**

André Luiz Justus CZOVNY<sup>2</sup>

Paulo César BONI<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR

### **RESUMO**

Esse trabalho utiliza registros fotográficos para compreender a história de Góes Artigas, interior do Paraná. Utilizando do processo conhecido como revisita histórico-iconográfica, a pesquisa utiliza quatro fotografias tomadas como registro histórico, apresentando e comparando a comunidade em duas épocas, na década de 1960 e com outras, dos mesmos espaços, em 2019. Como resultado tem-se a importância das imagens fotográficas como ferramenta de pesquisa para a construção da história e a descoberta de dados que contribuem com a construção da história local, tornando-se ademais um alerta para que as lembranças da comunidade não caiam em esquecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fotografia; História de Góes Artigas (PR); Revisita histórico-iconográfica; Fotografia e Memória.

### **Introdução**

Há muito tempo que os historiadores utilizam as imagens como instrumentos de apoio em suas pesquisas. Pensando nisso, este trabalho ressalta o potencial da imagem fotográfica de uma comunidade rural, mostrando a importância dos registros iconográficos para a construção da sua história.

A comunidade de Góes Artigas, conhecida como distrito de Góes, teve considerável importância, entre as décadas de 1950 e 1980, no centro-sul do estado do Paraná. Sua região de vastas florestas foi um convite para grandes madeireiras se instalarem e começarem a construir uma comunidade ali. Com o seu crescimento, tornou-se necessário a instalação de uma estação ferroviária para auxiliar no escoamento do que era produzido, surgindo então a Estação de Góes Artigas, que também fez o transporte de passageiros até 1983.

São poucos os registros fotográficos e documentos oficiais encontrados da região. Contudo, trabalhos que estão em desenvolvimento no programa de Mestrado em

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina (UEL), e-mail: andrejustusc@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador. Professor e pesquisador da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutor e pós-doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), e-mail: pcboni@sercomtel.com.br

---

Comunicação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), com apoio de relatos orais dos moradores, promovem a construção e preservação histórica da comunidade.

A proposta deste trabalho é utilizar fotografias como registros iconográficos para recuperar dados e contar a história de Góes Artigas em duas épocas: a década de 1960 e o final de segunda década do Século XXI. O objetivo do trabalho é, além de obter elementos que contribuam para a construção histórica, mostrar as mudanças da comunidade nesses dois recortes temporais.

As imagens utilizadas foram produzidas de forma amadora, sem nenhuma pretensão profissional. Como referências bibliográficas foram utilizados Kossoy (2001, 2007 e 2016), Borges (2011) e Boni (2004 e 2014), que proporcionaram reflexões significativas para o desenvolvimento deste trabalho.

### **A correlação entre fotografia e registro histórico**

A fotografia foi um projeto inovador como forma de registro e tecnologia, mas nem sempre era possível imaginar a possibilidade de se tornar um instrumento de pesquisa. Sua utilização se deu como apoio iconográfico por apresentar segurança na informação transmitida nas fontes textuais, um complemento e nunca como fonte primária. Para Borges (2011, p. 23) as imagens visuais não passavam de documentos de segunda categoria, com um forte potencial que despertava a convicção de que eram uma reprodução fiel do real. Apenas, nos meados da década de 1970 e, definitivamente, nos anos 1980, pesquisas de cunho científico começaram a ser realizadas na América Latina (KOSSOY, 2001, p. 127).

Com o advento da fotografia, o contexto de mundo tornava-se cada vez mais trivial, de forma a se ter uma dimensão mais apurada e ampla de diferentes realidades que eram, até então, recebidas principalmente através da escrita e da oralidade. O mundo acompanhava, aos poucos, sua substituição pelas imagem fotográfica (KOSSOY, 2001, p. 26), criando a liberdade de levá-lo no tempo desejado. Os microaspectos do mundo tornaram-se conhecidos e as imagens destaques como referências.

[...] as imagens que contenham um reconhecido valor documentário são importantes para os estudos específicos nas áreas de arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, história social e demais ramos do saber, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e

---

do seu entorno sociocultural. Trata-se da fotografia enquanto instrumento de pesquisa, prestando-se à descoberta, análise e interpretação da vida histórica. (KOSSOY, 2001, p. 55)

Nesse sentido, ela apresenta um fragmento do espaço e tempo retratado, conteúdo informações importantes para os pesquisadores. Seus relatos, através dos registros visuais iconográficos, apresentam confiabilidade na informação transmitida, o que para Boni e Vitachi (2014, p. 135) é compreendida como uma leitura transparente e de fácil visualização.

A iconografia fotográfica diz respeito a partes ou ao conjunto da documentação pública ou privada que abrange um largo espectro temático, produzida em lugares e períodos determinados. As fontes que as compõem são os meios de conhecimento: registros visuais que gravam microaspectos dos cenários, personagens e fatos; daí sua força documental e expressiva, elementos de fixação da memória histórica individual e coletiva. Em função de tais características, constituem documentos decisivos para a reconstrução histórica. (KOSSOY, 2007, p.35)

Todavia, para Borges (2011, p. 80), a fotografia deixou de ser uma reprodução do real, como desejavam os historiadores da historiografia metódica, que estavam em busca de uma verdade única e absoluta. Diante disso, Kossoy (2001, p. 152) destaca que a fotografia não pode ser entendida como “espelho do real”, posto que pode apresentar algumas ambiguidades. O que faz, então, com que se crie uma realidade própria, que deve ser interpretada como uma segunda realidade, relacionada com as referências e lembranças pessoais de cada observador. São versões sobre um fato que representam um mundo, devendo variar de acordo com os códigos culturais de quem está produzindo aquele discurso (BORGES, 2011, p. 80), que assim tornam-se insubstituíveis meios de informação.

Em consequência, deve se considerar que o conhecimento do passado é um processo em progresso, constantemente sendo modificado e aperfeiçoado com o tempo e suas novas leituras. Cada registro visual apresenta elementos históricos que reúnem informações para a memória particular e coletiva dos indivíduos. Por isso a importância de um trabalho minucioso na imagem recebida, para que torne-se uma contribuição histórica para a sociedade (BONI; VITACHI, 2014, p. 136).

As imagens iconográficas do início da comunidade de Góes Artigas foram tomadas de forma espontânea, sem cunho histórico ou profissional que poderiam estar relacionados com alguma questão política da época, o que justifica o desconhecimento de

---

suas autorias e o aspecto amador. Recentemente, esses registros eternizados no tempo foram compartilhados<sup>4</sup> nas redes sociais dos moradores e outras pessoas que tiveram algum vínculo com a comunidade, que lembram com afeição dos anos de crescimento e expansão da região. Por razões como essa, Boni (2004, p. 247), em seus estudos sobre Londrina, repara que, mesmo sem pretensões documentais, se não fossem os fotógrafos amadores, parte da história de inúmeros lugares estaria perdida e, certamente, essas memórias não seriam possíveis de serem compartilhadas. E é a existência desses registros imagético que fazem delas documentos históricos.

### **Investigações sobre fotografia e cidade**

A fotografia sendo uma aliada da história, torna-se também um instrumento de registro das mudanças geográficas das cidades. No fim do Século XIX e nas primeiras décadas do Século XX, muitos fotógrafos se prestaram à produção de álbuns de cidades.

Para além da estética de cada fotógrafo, que personaliza sua obra, a montagem desses álbuns revelava a força de um padrão fotográfico próprio do tempo em que eles foram produzidos. Interessado em obter lucro com a venda do álbum, o fotógrafo escolhia as imagens e costurava uma narrativa urbana capaz de tornar vendável o produto de sua criação. (BORGES, 2011, p. 84).

Em São Paulo, o fotógrafo Militão Augusto de Azedo foi pioneiro no uso dessa modalidade, sendo responsável por retratar as mudanças que chegavam com a urbanização, organizando um álbum comparativo com fotografias da cidade em dois momentos, em 1862 e 1887.

Essas imagens serviram de base para que os governos posteriores fizessem uma comparação do desenvolvimento em cada gestão, podendo assim dar publicidade ao progresso daquela administração. (BONI; SATO, 2009, p. 251), uma sequência de imagens que aparentava uma cidade moderna, evoluída e quase sempre higienizada (BORGES, 2011, p. 54). Tanto que, tornando-se referência para compreender os espaços da cidade, em 1914, na gestão de Washington Rodrigues, o fotógrafo italiano Aurélio Becherini assinou e produziu, pela terceira vez, as mesmas imagens dos espaços

---

<sup>4</sup> O grupo do Facebook “Legendários de Inácio” conta com mais de 2 mil membros que interagem através de lembranças do município de Inácio Martins e seus distritos. Disponível em: <https://bit.ly/2XeNVZx> . Acesso em: 15 nov. 2018.

---

fotografados por Militão, montando o “Álbum comparativo da Cidade de São Paulo (1862-1887-1914)<sup>5</sup>”.

Outro trabalho que serve de referência para a produção dessa atividade é da cidade de Londrina/PR, organizado pelos pesquisadores Paulo César Boni e Jocélia Rosa da Silva Vitachi. Com imagens da década de 1940, a grande maioria do fotógrafo José Juliani, é possível entender que vários pontos eram registrados para mostrar o “desenvolvimento e encantos” da cidade, os quais foram comercializados posteriormente como “lembranças” (BONI; VITACHI, 2014, p. 139). Um interesse comercial comum na época, semelhante aos cartões-postais que Kossoy (2016, p. 62) se refere como forma de mundo portátil, tornando possível o conhecimento visual dos lugares, enriquecendo assim o imaginário popular através de paisagens de diferentes localidades, de suas cidades, praças, edifícios administrativos, ruas, estradas de ferro e monumentos históricos. Borges (2011, p. 60) destaca que neles continham signos já identificados com as “noções de belo, prazer e avanço tecnológico”.

Muitas pessoas as compravam para presentear os amigos e parentes distantes. Neste sentido, o de propagandar as belezas, potencialidades e oportunidades da região, a fotografia contribuiu muito para o desenvolvimento da cidade. (BONI; VITACHI, 2014, p. 139).

Portanto, com revisitações em 2008 e 2014, é possível evidenciar no trabalho o progresso ocorrido nesse interstício no norte do Paraná e as alterações em suas paisagens.

No caso de Góes Artigas, pouco se produziu de estudos acadêmicos sobre a comunidade e nada em termos de imagens comparativas de diferentes épocas envolvendo a região. Ao comparar fotografias tomadas na década de 1960 com outras tomadas recentemente se constata grandes mudanças, considerando que por causa da instalação da estação ferroviária de Góes Artigas, a comunidade tornou-se um ponto importante na região centro-sul.

---

<sup>5</sup> Esse arquivo e outros com registros de São Paulo podem ser acessados online através do portal “Tesouros de São Paulo”. Disponível em: <https://bit.ly/31XPjDf>. Acesso em: 13 maio 2019.

---

## Revisita histórico-iconográfica de Góes Artigas-PR

Góes Artigas é uma comunidade do município de Inácio Martins, no Paraná, às margens da PR 364, que liga as cidades de Irati e Guarapuava. Ao seu redor se encontra outros distritos rurais como Colônia Alemanha, Faxinal do Posto, Pinheira, Terra Cortada e Papagaios.

Uma comunidade jovem com formação entre 1940 e 1950, através da vinda de empresas madeireiras (como Zattar e Cia Industrial de Guarapuavinha) que encontraram uma vasta região de recursos florestais, como Pinheiro do Paraná e Erva-mate. Com a exportação dos materiais explorados, tornou-se necessário melhores condições de locomoção em substituição ao tropeirismo. No ano de 1945, foi inaugurado as edificações da ferrovia e a estrada de ferro<sup>6</sup> para escoamento da exploração de madeira para o Porto de Paranaguá. Posteriormente, em 1951, o serviço de transporte de passageiros tornou-se possível com um trajeto sentido Ponta Grossa x Guarapuava, aumentando ainda mais a perspectiva de que seria uma região de intenso crescimento.

Percebe-se que, apesar dos poucos registros, se encontra fotografias da década de 1960, que demonstram os encantos de uma região que começava o seu caminho em direção ao desenvolvimento. Parte da documentação coletada é anônima, não possui o emissor do registro fotográfico, o que dificulta em alguns momentos o método de contextualização imagética. Por esse motivo, visitar a localidade do trabalho de estudo é relevante pela análise que é feita do ontem e do agora, percebendo as mudanças iconográficas que surgiram com a passagem do tempo. Para Arantes (1984, p. 8), esse processo pode ser entendido como “laços de continuidade entre passado e presente”.

Como ponto de partida, foram selecionadas quatro imagens da década de 1960: estação ferroviária, centro da comunidade, campo de futebol e capela. Estas imagens foram comparadas com tomadas recentes, nos mesmos locais, mais de 50 anos depois, em 2019.

---

<sup>6</sup> Reportagem do jornal *Folha da Manhã* (São Paulo) sobre a inauguração. Disponível em: <https://goo.gl/tu2zfY>. Acesso em: 20 out. 2017.

## 1 – Estação Ferroviária

**Figura 1** – Edifício da Estação Ferroviária de Góes Artigas, em 1964



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo Fotográfico da Casa da Cultura de Góes Artigas / Mara Polzin Druciaki

**Figura 2** – Imagem tomada em 2019: Estação Ferroviária abandonada



Fotografia: André Luiz Justus Czovny

Fonte: Acervo pessoal de André Luiz Justus Czovny

**Figura 3** – Imagem tomada em 2019: outra perspectiva da Estação Ferroviária abandonada



Fotografia: André Luiz Justus Czovny  
Fonte: Acervo pessoal de André Luiz Justus Czovny

Dezenove anos após a inauguração da Estação Ferroviária de Góes Artigas era registrado o evento que celebra a independência do Brasil (Figura 1). Percebe-se a importância dada ao local pela reunião de pessoas na ocasião, onde crianças foram enfileiradas em primeiro plano e observadores acompanhavam ao fundo na estação de trem. No canto do edifício, um letreiro com fontes em caixa alta identificava o local: Góes Artigas. Também era possível ver um dos vagões do trem parado na estação, certamente por causa da ocasião. O transporte ferroviário foi muito importante, tanto para a economia local quanto para o transporte de passageiros, que funcionou até o início de 1980. O local também atuava como ponto de manutenção dos trens, onde eles eram reabastecidos com água e lenha, funcionando até 1983.

Ao revisitar o local, em 2019, são perceptíveis as modificações iconográficas: a estrutura da estação permanece no mesmo local, mas completamente abandonada (Figura 2). É possível perceber, em meio aos arbustos que tomam conta do local, um letreiro escurecido, certamente resultado das ações do tempo. Ainda ao lado da estrutura, não se percebe mais o poste de energia. A Figura 3 é utilizada nesse caso como apoio para dar



dimensão da situação do local que segue abandonado, onde se vê a plataforma que os passageiros desciam, a estrutura das salas e escritório e, também, os trilhos do trem<sup>7</sup>.

## 2 – Centro de Góes Artigas

**Figura 4** – Vista parcial do centro de Góes Artigas, em 1961



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo Fotográfico da Casa da Cultura de Góes Artigas / Felipe Toledo

---

<sup>7</sup> A linha férrea é atualmente utilizada apenas para o transporte de carga, especialmente madeira de pinus, cereais e combustíveis.

**Figura 5** – Imagem tomada em 2019: novas moradias na localidade



Fotografia: André Luiz Justus Czovny  
Fonte: Acervo pessoal de André Luiz Justus Czovny

A fotografia registrada em 1961 (Figura 4), mostra uma vista parcial do que era considerado o centro de Góes Artigas, ao lado da estação ferroviária. As primeiras três estruturas, à esquerda de quem olha para a fotografia, eram moradias antigas. A estrutura maior central era uma casa de “secos e molhados”, um dos poucos comércios da região que vendia de grãos até querosene<sup>8</sup>. Logo ao lado havia a residência da moradora “Dona Cibila” e, no canto esquerdo, cortado pelo registro fotográfico, uma parte da estrutura do que era conhecido pelos moradores como Clube de Góes Artigas, um casa de festas onde aconteciam matinês. Além disso, percebe-se estradas de chão em situações miseráveis e uma vasta floresta ao fundo.

Na fotografia de 2019 (Figura 5), a região de árvores permanece ainda maior, entretanto, todas as residências ali são recentes, mostrando que nenhuma estrutura antiga (Figura 4) sobreviveu ao tempo. A justificativa para isso foi o complexo processo de exploração dos recursos naturais pelas empresas madeireiras, que fez com que o ciclo da madeira diminuísse na região, levando muitos moradores a migrarem para cidades

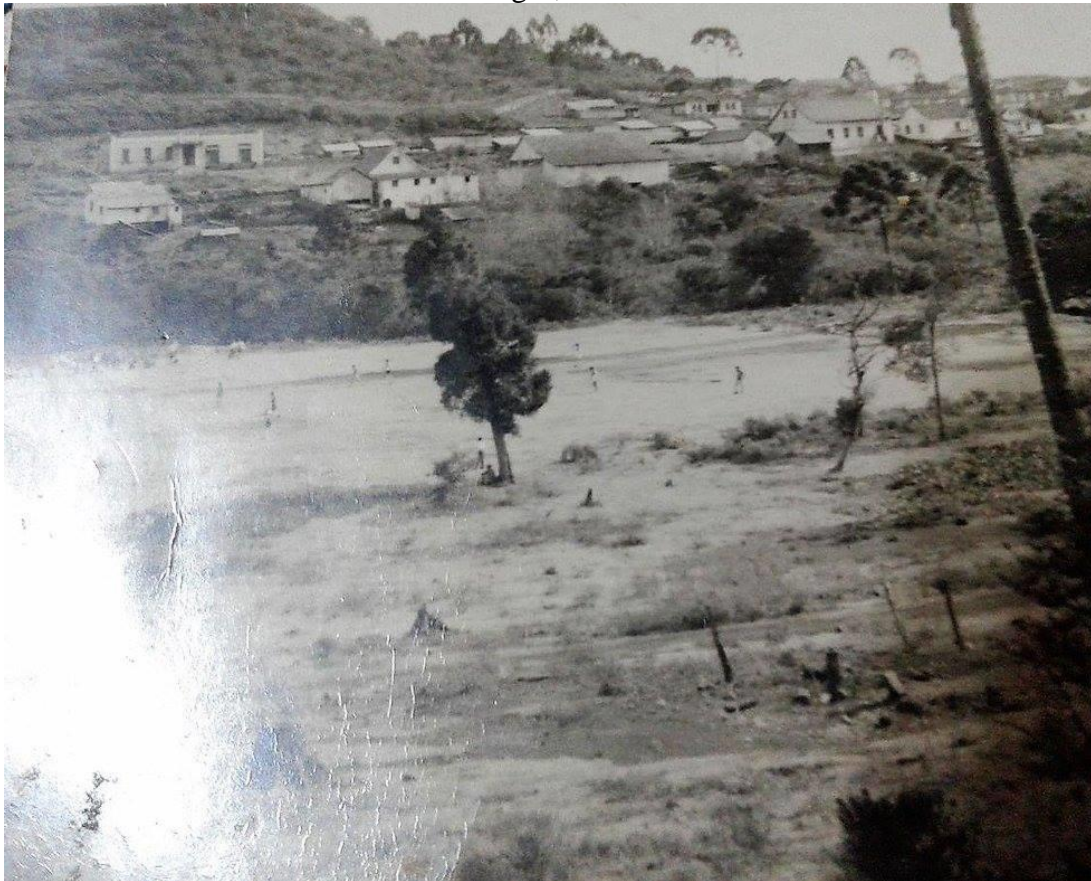
<sup>8</sup> No trabalho apresentado no XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, o autor mostra um pouco sobre os estudos realizados especificamente nessa foto, descobrindo algumas peculiaridades da dinâmica do comércio e das outras estruturas que também aparecem na imagem. Disponível em: <https://bit.ly/2RMPkVP>

vizinhas em busca de oportunidades de trabalho. Um período que provocou o esvaziamento na comunidade

A estrada que conecta Guarapuava à Inácio Martins agora é asfaltada, sendo possível notar a presença de automóveis na região, como o simbólico ônibus escolar. Em frente as casas há fios de eletricidade, formando três riscos na imagem que quase passam despercebidos. No canto direito, onde era uma casa de festas, se percebe um terreno aberto com uma pequena estrutura de madeira azul, ponto onde os moradores realizam a feira de alimentos agroecológicos e produtos caseiros de Góes Artigas.

### 3 – Campo de futebol

**Figura 6** – Campo de futebol, ao fundo a estação ferroviária e comunidade de Góes Artigas, nos anos 1960



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo Fotográfico da Casa da Cultura de Góes Artigas / Mara Polzin Druciaki

**Figura 7** – Imagem tomada em 2019: campo de futebol, ao fundo estação ferroviária abandonada



Fotografia: André Luiz Justus Czovny  
Fonte: Acervo pessoal de André Luiz Justus Czovny

Pela imagem do campo de futebol (Figura 6), tomada em 1960, vê-se ao fundo a estação ferroviária de Góes Artigas e parte da comunidade formada pelas residências dos moradores, inclusive os fundos das estruturas apresentadas na Figura 4. Por ser uma imagem de angulação aberta, novamente percebe-se a grande área verde nos arredores das casas com destaque para uma árvore ao centro da imagem, que ficava ao lado do campo de futebol. Nele encontramos alguns jogadores, mostrando que o futebol sempre mobilizou a comunidade de Góes Artigas. No local, torneios de futebol eram organizado pelo “Senhor Júlio”, conhecido como “espiga”. Distritos e municípios da região se reuniam para torcer pelos seus times aos domingos.

Atualmente, a árvore que chamava atenção no centro permanece no mesmo local, mas cortada e com galhos secos. O campo existe e é utilizado pelos moradores (Figura 7), mas fica evidente como não é possível localizar nenhuma casa da comunidade além de uma pequena parte da abandonada estação ferroviária. O motivo disso, além de toda a arborização escondendo a região, são as mudanças sociais durante os anos que provocaram o seu esvaziamento. Tanto que Góes pertence a Inácio Martins, município que possui o 5º pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do Paraná, contando com

131 famílias, com aproximadamente 388 moradores, que vivem no campo explorando a cultura de subsistência.

#### 4 – Capela

**Figura 8** – Capela Menino Jesus de Góes Artigas, durante procissão nos anos 1960



Fotografia: Autor desconhecido

Fonte: Acervo Fotográfico da Casa da Cultura de Góes Artigas / Pedro Licinio Fontana Matozo

**Figura 9** – Imagem tomada em 2019: Capela Menino Jesus



Fotografia: André Luiz Justus Czovny

Fonte: Acervo pessoal de André Luiz Justus Czovny

A figura 8 mostra a Capela Menino Jesus, construída antes da década de 1960. O cercado ao redor era de madeira e, entre a estrada de chão, percebe-se muitos arbustos e duas árvores do tipo araucária no terreno ao lado. Uma procissão de Nossa Senhora Aparecida acontecia durante o registro fotográfico, reunindo familiares, professoras e alunos. Em 2019, na revisita histórico-iconográfica ao local (Figura 9), observou-se a preservação da arquitetura original, com uma leve mudança no topo da estrutura da torre do sino, tornando-se menor por questões de segurança. Além disso, percebe-se a alteração da pintura externa, que antes era branca e agora é verde. Além disso, nota-se um poste de energia com um fio de eletricidade que segue em direção à comunidade e a cruz ao lado da estrutura foi trocada por uma menor, que fica um pouco acima do muro, que não é mais de madeira, e sim de alvenaria. Góes Artigas é uma comunidade com intensa religiosidade, entretanto, a Capela é usada apenas para missas especiais atualmente, tendo pelo menos uma celebração ao mês.

### **Considerações finais**

As imagens fotográficas da década de 1960 mostram uma comunidade ativa, com perspectiva de crescimento e significativa importância para região centro-sul do Paraná. Através da revisitação histórico-iconográfica, percebemos o quão esquecida ela foi, fruto de uma modalidade de migração caracterizada pelo deslocamento da população da zona rural em direção às cidades (Guarapuava, Inácio Martins, Irati), permanecendo apenas antigas famílias e seus descendentes que ali possuem terras e lembranças dos tempos em que a estação ferroviária estava ativa.

Comparando com as revisitações citadas de São Paulo e Londrina, a fotografia conversa com a ideia de instrumento para registrar o desenvolvimento de ambientes, onde o concreto toma conta dos cenários, com construções e edifícios que ganham lugares nos terrenos geográficos. Porém, em Góes Artigas o processo é inverso. Ao invés do concreto, se encontra o verde das matas tomando o espaço que antes era constituído por casas, comércio, bares e, até mesmo, um hotel.

Essas mudanças iconográficas só ficam perceptíveis durante a tomada de novas imagens dos mesmos locais, com os registros do passado e do presente. Kossoy (2001, p. 155) explica que os cenários “se modificam, se transfiguram e também desaparecem” e, nesse espaço de tempo de mais de 50 anos, comparando as imagens fotográficas, percebe-

---

se que as estruturas que ainda sobrevivem na comunidade de Góes Artigas são dominadas pela vegetação e nada mais, como a estação ferroviária que tornou-se agora uma ruína, com escombros de uma bela história e suas reminiscências.

Revisitar a localidade de estudo, através da imagem fotográfica, foi perceber a importância de estudar a comunidade para recuperar e preservar as suas memórias.

## Referências

ARANTES, A. A. **Produzindo o passado:** estratégias de construção do patrimônio cultural. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BONI, P. C. **Fincando estacas!** A história de Londrina (década de 30) em textos e imagens. Londrina: Edição do autor, 2004.

BONI, P. C. SATO, L. A. A mídia fotográfica como estratégia publicitária da Companhia de Terras Norte do Paraná. In: BONI, P. C (Org). **Certidões de Nascimento da História:** o surgimento de municípios no eixo Londrina-Maringá. Londrina: Planográfica, 2009.

BONI, P. C. VITACHI, J. R. S. Londrina revisitada: a fotografia como registro histórico de duas épocas. In: BONI, P. C (Org). **Retratos da Cidade:** o uso da fotografia para a recuperação de fragmentos históricos de Londrina. Londrina: Midiograf, 2014.

BORGES, M. E. L. **História e Fotografia.** 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

KOSSOY, B. **Fotografia e História.** 2. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

\_\_\_\_\_. **Os tempos da fotografia:** o efêmero e o perpétuo. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** 5. Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2016.